

PESSANHA E PESSOA: UMA LEITURA DO MAR PORTUGUÊS

ANA TEREZA DE CASTRO SANTOS
UNICAMP

Somos hoje um pingo de tinta seca da mão que escreveu Império da esquerda à direita da geografia. É difícil distinguir se o nosso passado é que é o nosso futuro, ou se o nosso futuro é que é o nosso passado. Cantamos o fado a sério no **intervalo** indefinido. O lirismo, diz-se, é a qualidade máxima da raça. Cada vez cantamos mais um fado.

O Atlântico continua no seu lugar, até simbolicamente. E há sempre Império desde que haja Imperador.

Fernando Pessoa

Algumas Palavras

O objetivo primeiro deste trabalho era uma breve discussão sobre alguns poemas de MENSAGEM, cuja análise estaria baseada em considerações que versariam sobre a questão da simbologia da obra. Enganosa pretensão foi essa minha idéia. Logo vai ser impossível discutir MENSAGEM (segundo meus critérios) sem antes discutir a temática que permeia o livro: a busca da construção de uma identidade nacional. Além disso, o tom profético da obra, aliado a uma retórica grandiosa que remete à grandiosidade da Pátria (e também àquele primeiro Camões), só faz por agravar a leviandade da minha primeira intenção, não me deixando "esquecer" que Fernando Pessoa era português; e, como um pensamento leva a outro, acabo por lembrar de Teixeira de Pascoaes quando diz que "ser português é também uma arte, e uma arte de grande alcance nacional e, por isso, bem digna de cultura" (PASCOAES - 1920, pp. 147-150).

Para iniciar, pois, a minha reflexão, decidi primeiramente contextualizar aquilo que Pascoaes chamou de "ser português" e, para tanto, tomo como ponto de partida e suporte para toda a análise que se vai seguir o LABIRINTO DA SAUDADE de Eduardo Lourenço. Vamos, então, ao cenário.

De caráter mais lendário que propriamente histórico, o surgimento de Portugal como Estado foi marcado por fatores bastante peculiares. Localizada praticamente nos braços da poderosa Castela e sempre assombrada pelos temores das invasões mouras, a nação portuguesa viu seu nascimento como um acontecimento, no mínimo, deveras improvável. Para concretizá-lo, nada mais natural do que uma força sobrenatural, daí a crença de uma nação milagrosa, ungida pela Providência Divina, fraca por um lado, mas forte nos seus meios injustificáveis. Essa leitura popular da origem portuguesa contribuiu para uma consciência bem particular da própria identidade: uma mistura de fraqueza com a convicção mágica de uma proteção absoluta, que redime essa fragilidade na medida em que pretende garantir os sucessos em quaisquer oscilações. Desse conjunto nascem duas características fundamentalmente diversas - um complexo de inferioridade e de superioridade que vão acompanhar o português ao longo de sua vida histórica.

Assim, a pequena nação, que desde o momento de seu nascimento se recusou a sê-lo, descobre-se de repente grande. No entanto, grande não dentro dos limites de sua própria consciência, grande fora, no "Oriente de sonho ou num Ocidente impensado" (LOURENÇO, 1982, p. 22). O Império Quinhentista resgatou aquela inferioridade primeira, reafirmando uma superioridade divina. Por pouco tempo (aparentemente). De um só golpe os dois fantasmas originais retornam para arrebentar aquele sonho de glórias: os árabes levam consigo a esperança, jovem ideal dilacerado nos campos de batalha de Alcácer Quibir; Castela se encarrega de concretizar aquele não tão remoto presságio, submetendo os portugueses por longos sessenta anos - "nesses sessenta anos 'filipinos' o nosso ser profundo mudou de sinal. Como portugueses esperamos do milagre, no sentido mais realista da palavra, aquilo que, razoavelmente, não podia ser obtido por força humana" (LOURENÇO - 1982, p.24; grifos do autor). E o "milagre" materializou-se na figura de D. Sebastião, criando-se no mito do Sebastianismo - aquele que estaria numa ilha enevoada e que um dia voltaria para conduzir Portugal a seu destino glorioso. Seja ele, mais tarde, o "Desejado" de Fernando Pessoa em oposição ao "Ninguém" de Almeida Garrett, não importa. O que vemos é que, nesse momento, formou-se uma consciência nacional uma nova razão de ser, e o "ciclo do sebastianismo ativo representou, ao mesmo tempo, o máximo da existência irrealista que nos foi dado viver, e o máximo de coincidência com o nosso ser profundo, pois esse sebastianismo representa a consciência delirada de uma fraqueza

nacional, de uma carência, e **essa carência é real**" (LOURENÇO - 1982, p.24; grifos do autor).

Assim, a partir dessa data, a consciência nacional adquiriu uma nova face. A dicotomia que havia entre força divina e fragilidade material vai dar lugar a outra questão: o desejo de voltar a ser. Nesse sentido, o viver nacional vai se direcionar para um futuro idealizado, mediado pela obsessão do passado glorioso. É através dessa mediação mágica que a alma nacional se encontra resgatada, e consegue suportar os desvios do destino por quase dois séculos.

Foi somente nos anos de 1800 que aquela existência se viu colocada em xeque, posta em confronto com o resto dos países europeus. A França, qual Fênix gloriosa, emergia resplandecente do seu Século das Luzes, coroada pelos êxitos de uma Revolução Burguesa. A Inglaterra, soberana naval absoluta, rumava, impávida, em direção à Era Industrial. A Europa aparece, nesse momento, como "exemplo de civilização, cuja comparação conosco nos mergulhava em transe de melancolia cívica e cultural" (LOURENÇO - 1982, p.27). Para fugir a essa imagem pouco confortadora de si mesmo (um país agrário, atrasado culturalmente e enfrentando sérias crises políticas e sociais), Portugal "descobre" a África, e procura expandir as colônias da costa para o interior. A tentativa de mistificar o imperialismo "à la século XVI" só faz por desprestigiar ainda mais a nação portuguesa, já que o resto da Europa se encontrava num imperialismo de moldes bem diferenciados. O Ultimatum inglês parece acabar de uma vez por todas com qualquer tentativa de redenção da alma portuguesa e o sentimento de subalternidade aflora como força absoluta. Mas não por muito tempo. O fim do século XIX verá surgir uma resposta ao monstro civilizado inglês na forma de um misticismo nacionalista, que vai ao encontro da autêntica realidade portuguesa, na medida em que se amolda a essa carência generalizada que é necessário compensar de algum modo (mesmo que esse modo seja invertido). Mais tarde, esse nacionalismo-mítico terá como bandeira o Saudosismo, tradução poético-ideológica dessa reação ao pessimismo originado pelo Ultimatum. No entanto, não posso falar do Saudosismo sem citar Teixeira de Pascoaes e, assim, retomo o início dessa reflexão, fechando as considerações sobre o "ser português".

Com o trauma do Ultimatum, a inteligência portuguesa passa a pensar a questão da identidade e do destino da nação, buscando a construção de um espírito nacional. Em fins do século XIX, Pascoaes, líder de um movimento cultural intitulado Renascença Portuguesa, afirma que o essencial na alma e na cultura portuguesas é a saudade. Não uma saudade qualquer, mas sim uma Saudade daquilo que se foi, e que um dia voltará nas brumas de um futuro glorioso. É essa a essência do "ser português": "o mestre que ensinar aos seus alunos, trabalhará como se fora um escultor, modelando as almas juvenis para lhes imprimir os traços fisionômicos

da Raça Lusfada, que a destacam e lhe dão personalidade própria, existência viva, projetando-se em lembrança no passado e em esperança e desejo no futuro, realizando, em si, aquela unidade da morte e da vida, do espírito e da matéria, que caracteriza o Ser" (PASCOAES - 1920, pp.147-150).

No entanto, essa questão da lusitanidade é muito anterior ao século XIX. Já Vieira preconizava essa angústia do nacionalismo, fragmentado num sentimento de morte, perigo e sensação de fragilidade frente à perda de uma identidade - as lutas portuguesas e a autonomia de Portugal. Dentro da perspectiva romântica, temos Garrett e Alexandre Herculano. Este último vai resgatar, no medievalismo, uma prospecção do tempo perdido de Portugal, flagrado na figura de um herói de origem mítica. De alguma forma, a Doutrina da Saudade de Teixeira de Pascoaes já havia sido pronunciada, e este conceito vai ser fundamentado em Fernando Pessoa, na medida em que o passado histórico suporta essa visão saudosista. Em MENSAGEM há uma concepção de história que justifica e profetiza uma Nova Pátria (no sentido de que Pátria se relaciona à Saudade e torna-se, portanto, alternativa da própria história).

Faço aqui uma pequena digressão para explicar os procedimentos que adotarei no curso deste trabalho. Meu ponto de apoio continua sendo Eduardo Lourenço, segundo o qual MENSAGEM é uma reinterpretação da História e, a partir desta nova concepção o poeta vai desvendar os sinais de destinação mítica do povo português.

Para ilustrar melhor essa análise, achei por bem contrapor a alguns trechos de MENSAGEM três sonetos de Camilo Pessanha que se encontram em CLEPSIDRA. Em verdade, não seria uma contraposição, mas sim um paralelo entre ambos os autores. Também Camilo Pessanha vai resgatar o lado espiritual, mítico, do destino português, colocando-se ao lado dos homens de seu tempo ao vivenciar uma problemática intrínseca ao caráter nacional: a questão da existência portuguesa.

No entanto, antes de iniciar as reflexões sobre os poemas propriamente ditos, decidi tecer algumas poucas considerações sobre os dois poetas, situando-os em seu momento histórico e discorrendo, ainda que brevemente, sobre suas particularidades. Desta forma, espero justificar mais concretamente a escolha dessa dupla e o direcionamento dessa análise.

Camilo Pessanha e Fernando Pessoa: a arte de ser português

Antes de mais nada, gostaria de deixar claro que a opção por Camilo Pessanha não é, de forma nenhuma, um capricho aleatório ou obra do puro acaso. No livro intitulado CLEPSIDRA DE CAMILO PESSANHA (TEXTOS ESCOLHIDOS), Teresa Lopes Coelho afirma (a propósito de uma discussão sobre a influência de Pessanha em Sá-Carneiro) que "Pessanha vivia, efectivamente, bastante alheado da realidade portuguesa, mesmo da realidade literária, e não nos pareceu, até agora, possível detectar na sua

obra marcas claras dos seus contemporâneos nacionais" (LOPES COELHO - 1979, p.22). Ora, como já vimos anteriormente, "ser português é uma arte", e não me parece que o poeta tenha descartado essa arte assim tão facilmente. É bem verdade que Pessanha viveu a maior parte de seus anos em Macau, com raras e breves estadas em Lisboa; também é verdade que muitos de seus poemas refletem o espírito nacional, mas daí a dizer que "vivía alheado da realidade portuguesa" é ir um pouco além.

Exilar-se voluntariamente em Macau não significa, absolutamente, renegar ou esquecer Portugal. Em carta a Alberto Osório de Castro, o poeta reflete acerca da partida iminente, dando-nos um dado bastante esclarecedor a respeito de seu estado de alma em relação à Pátria que em breve iria deixar: "Eu faço concurso para o Ultramar em Outubro? Decido... Ora, e no fim de contas, não é perder muito deixar por cá só aquilo que não presta. E ganha-se a vantagem de desfructar isto de longe". São essas palavras que me perturbam, levando-me a concluir que deixar Portugal não é um fim em si, mas um meio para melhor refleti-lo. Ao se afastar da Pátria, o poeta ganha maior consciência daquilo que ela representa e, se por acaso não a explorou como o fizeram os companheiros de seu tempo (António Nobre e Teixeira de Pascoaes), não se pode afirmar que, por isso, a tenha recusado totalmente.

Por outro lado, a China marcou Pessanha profundamente, na medida em que reflete e problematiza seus pensamentos e sentimentos - "A China, como tudo o mais, é uma projeção de seu mundo interior, um lugar onde o poeta reconhece suas esperanças e temores" (FRANCHETTI - mimeo, p.12). E qual lugar seria mais apropriado do que esse para se reconhecer a própria problemática? Não é a China Imperial, reluzente de glórias e riquezas, que Camilo Pessanha vai celebrar. Antes, é numa China decadente, carente de equilíbrio e atolada na pobreza, que o poeta vai encontrar a imagem virtual de seus dramas íntimos. A respeito de Macau, escreve ele a seu amigo Alberto Osório de Castro: "Aquilo não é uma colônia, nem é uma cidade: é uma montureira, material e moral". Seria interessante assinalar aqui o paralelo que há entre essa China decadente e o decaído Portugal. Segundo Paulo Franchetti, ambos os países foram vítimas da mesma força aniquiladora (Inglaterra), que acabou por corromper de vez as esperanças de uma futura recuperação. No caso da China, temos a Guerra do Ópio e, em Portugal, o Ultimatum.

Entretando, é exatamente naquela "montureira material e moral" que Camilo Pessanha mais vai sentir-se e saber-se português - "(...) é Macau a única terra de todo o Ultramar português em que se pode ter até certo ponto a ilusão de se estar em Portugal, essencial ao exercício por portugueses de sua especial atividade imaginativa..." (PESSANHA cf. FRANCHETTI - mimeo, p.22). Não era a distância física que iria separar o poeta de sua pátria e da problemática que ela encerra. Em "Macau e a

Gruta de Camões”, Camilo Pessanha vai celebrar o mito na formação da identidade nacional, afirmando a importância das tradições e assumindo, portanto, o caráter intrinsecamente português de seu ser. Num discurso pronunciado em 15 de setembro de 1919, o poeta vai dizer: “Precisamente, o que falta na população portuguesa de Macau, são tradições: essas ingênuas tradições que se começam a assimilar com o leite das mães, e que nos países de fundo étnico homogêneo e definitivamente fixado se respiram no ambiente, saturado da memória das gerações extintas, e vão penetrando as almas desde que os olhos se abrem à luz; que se formaram lentamente, a par do idioma nacional e tão estreitamente entrelaçados nele - sua natural expressão - que dele são inseparáveis; que reflectem, na sua interpretação mais prática - mais espontânea, mais verdadeira e mais transcendente - toda a sentimentalidade, toda a idealidade, todas as aspirações da raça” (PESSANHA cf. PERSONA - 1985, p.65).

O trecho é bastante longo, no entanto, pareceu-me que merecia ser transcrito na íntegra. Temos aí a confirmação tácita do gênio do poeta voltado para a nação portuguesa. E mais, além de cantar as tradições, enumerando as deliciosas minúcias que regem suas aparições (com um cuidado delicado que só o profundo conhecedor possui), Camilo Pessanha vai apontar em seus compatriotas em terra estrangeira a falta de interesse para com as memórias da Pátria, numa crítica mais velada àqueles que se esquecem da verdadeira condição de homens portugueses (nesse sentido, tanto o ANRIQUE de A. Nobre, quanto A ARTE DE SER PORTUGUÊS de Pascoaes, são muito mais contundentes).

Mas não é somente em cartas, ou na prosa, que Camilo Pessanha vai discutir a questão portuguesa. Em dois de seus sonetos, intitulados “San Gabriel” e em “Depois da luta, depois da conquista...”, o poeta vai refletir a temática dos descobrimentos, seguindo uma linha que (por ter como leitura Eduardo Lourenço) só posso pensar como sendo a de uma trajetória mítica do povo português em direção ao destino verdadeiro daquela Nova Pátria de Pessoa. Nesse sentido, o poeta de CLEPSIDRA muito se aproxima do profeta de MENSAGEM, na medida em que ambos tentam estabelecer um novo sentido para os descobrimentos portugueses. Para tanto, eles fazem encontrarem-se passado e futuro, resgatando, assim, a alma nacional.

Não quero, porém, estender-me demais em considerações sobre esses sonetos. Os poemas de Pessanha e Pessoa já tem seu lugar marcado no curso dessas reflexões. Antes, gostaria de deter-me um pouco na figura do autor de MENSAGEM, nas suas relações com o poeta de CLEPSIDRA e com o “mar português”.

Numa carta datada provavelmente de 1915, Fernando Pessoa escreve a Camilo Pessanha pedindo-lhe permissão para inserir alguns de seus poemas no terceiro número de ORPHEU (que, como sabemos, não

chegou a ser editado). Em dado momento, Pessoa afirma sua admiração pelo poeta de Macau, revelando um conhecimento nada superficial da poesia camiliana: "Logo da primeira vez que vimos, fez-me V.Ex^a a honra, e deu-me o prazer, de me recitar alguns poemas seus. Guardo dessa hora espiritualizada uma religiosa recordação. Obtive, depois, pelo Carlos Amaro, cópias de alguns desses poemas. Hoje, sei-os de cor, aqueles cujas cópias tenho, e eles são para mim fonte contínua de exaltação estética" (PESSOA - 1986, p.119).

Pelas palavras acima, podemos ter uma idéia do quanto Fernando Pessoa admirava o poeta de CLEPSIDRA. Mais do que admirar, aqueles poemas estavam ligados a uma "religiosa recordação" que muito bem esclarece a afinidade que deveria haver entre os dois, muito embora tenham se visto apenas uma vez. Segundo Alfredo Margarido, em um artigo intitulado "Camilo Pessanha, o poeta da escrita" (PERSONA 11/12, pp.83-84), Pessoa teria sido um dos "distribuidores-divulgadores" da poesia de Camilo Pessanha, que, como sabemos, não costumava escrever seus poemas, antes, ditava-os a amigos em cafés e salões de Lisboa.

Assim, além de admirador, Pessoa vai se revelar um excelente "pombo-correio" daquela poesia cujos registros, tendo em vista as condições precárias em que eram manuscritos, deviam ser um tanto ou quanto incertos. Numa carta datada de 3 de dezembro de 1912, Sá-Carneiro vai solicitar ao amigo que lhe envie algumas cópias de determinados poemas: "Rogava-lhe encarecidamente que me enviasse para mostrar ao Santa-Rita, os violoncelos do Pessanha e o soneto sobre a mãe - e mesmo mais algum se para isso estivesse" (SÁ-CARNEIRO - 1973, vol. I, p.37). É, pois, através de Pessoa inclusive que a poesia de Pessanha vai correr pelos círculos literários e, se a "despreocupação" do poeta de CLEPSIDRA foi bastante lamentável, seu rol de apreciadores não deixou nada a dever.

Mas deixemos Camilo Pessanha um pouco de lado e voltemos nossa atenção para o poeta de MENSAGEM. Segundo Eduardo Lourenço, aquele que se anunciou como o "Super-Camões" foi, nesse dado em particular, deveras mal interpretado. Para o crítico português sediado em Nice, o anúncio de Pessoa significou o desejo de superação do Saudosismo simbólico de Teixeira de Pascoaes. Nesse sentido, Pessoa exortava, para a Pátria, uma nova visão, que se elevasse à consciência de si mesma, fazendo com que a nação assumisse uma outra face, "desconhecida e superior", muito além daquela celebrada por Camões. A verdadeira missão do poeta, que ele mesmo se atribui ao profetizar-se como "Super-Camões", é "a de resgatar o subconsciente nacional não tanto de históricos e acidentais complexos de dependência **mas de si mesmo**, transfigurando a gesta particular de um pequeno-grande-povo, **em gesta da consciência universal**" (LOURENÇO - 1982, p.115; grifos do autor).

Está claro que isso não significava reescrever OS LUSÍADAS,

moldando-o aos mitos do século XX e ressaltando os caracteres de uma futura alma portuguesa. MENSAGEM é, em verdade, um outro tipo de patriotismo. É a constatação de uma história particular como meio para se chegar a uma identidade particular. Assim esse programa já havia aparecido em ORPHEU, e também no "Ultimatum" de Álvaro de Campos, mostrando a necessidade de reconversão da alma, da imagem e da cultura portuguesa.

Fernando Pessoa bem percebia a necessidade que seus compatriotas sentiam de "negarem-se enquanto portugueses", ao mesmo tempo em que se maravilhavam e tremiam diante das três grandes potências européias: Inglaterra, França e Alemanha. É nesse sentido que o poeta vai querer resgatar esse povo que sofre devido a particularizações históricas, esvaindo-se em nostalgia pelo passado glorioso. E a resposta do poeta a toda essa problemática encontra-se no plano mítico do destino português. É na conjunção do passado com o futuro que Pessoa estabelece a linha do Quinto Império, profetizado nos versos de MENSAGEM.

É por esse motivo que o nacionalismo de Pessoa baseia-se numa outra ordem. Ele não se atém ao Portugal-Presente daquela época, ávido de mudanças; ele vai mais longe, buscando um Portugal-Futuro que, contraditoriamente na superfície, só se faz a partir de um Passado. Império-Passado de Camões, Império-Futuro de D. Sebastião. Como ser, ao mesmo tempo, essas duas personagens, tão necessárias para sair de um abismo mais fundo que o "da antiga vil tristeza?" Só mesmo abolindo as fronteiras entre o real e o imaginário, e criando-se outro, criando-se muitos outros, seja para "fazer uma partida" ao amigo Sá-Carneiro, seja para apaziguar um tormento íntimo que o dilacerava, ou mesmo para explicitar a profusão de contradições que assolaram seu Portugal e sua época. Em FERNANDO REI DA NOSSA BAVIERA, Eduardo Lourenço põe em palavras aquilo que, acredito, todos nós já pensamos em um ou outro momento: **"Custa-me imaginar que alguém possa um dia falar melhor de Fernando Pessoa que ele mesmo.** Pela simples razão de que foi Pessoa quem descobriu o modo de falar de si tomando-se sempre por um outro. E como os deuses lhe concederam um olhar imparcial como a neve, o retrato que nos devolve do fundo de seu próprio espelho brilha no escuro como uma lâmina. Quando encarnadas em figuras que parecem vivas - e ele supunha mais vivas do que ele - essa descoberta de si como outro, convertida em jogo da sua verdade, chamou-se Heteronímia" (LOURENÇO - 1986, p.9; grifo meu).

O meu respaldo para o que vem a seguir são essas linhas de Lourenço. Realmente, ninguém melhor que Pessoa para falar de si mesmo (qualidade que não é comum a todos os mortais), assim, decido-me por finalizar com o crítico, deixando a seu encargo as responsabilidades desse meu ato. Passo, então, para campo mais seguro (e também mais confortável), onde farei uma breve análise dos três já citados sonetos de Camilo

Pessanha e da segunda parte de MENSAGEM, intitulada "Mar Português". Espero que só as palavras corram com maior fluência, embora o objeto tenha sempre por trás a figura de seu sujeito.

São Gabriel e o Mar Português

Para facilitar a leitura, decidi-me por transcrever, logo de início, os três sonetos de Pessanha, respeitando a ordem que escolhi para serem analisados.

Depois da luta e depois da conquista
Fiquei só! Fôra um acto antipático!
Deserta a Ilha e no lençol aquático
Tudo verde, verde, - a perder de vista.

Porque vos fostes, minhas caravelas,
Carregadas de todo o meu tesoiro?
- Longas teias de luar de lhama de oiro,
Legendas a diamantes das estrelas!

Quem vos desfez, formas inconsistentes
Por cujo amor escalei a muralha,
- Leão armado, uma espada nos dentes?

Felizes vós, ó mortos da batalha!
Sonhais, de costas, nos olhos abertos
Reflectindo as estrelas, boquiabertos...

SAN GABRIEL

I

Inútil! Calmaria. Já colheram
As velas. As bandeiras sossegaram.
Que tão altas nos topes tremularam.
- Gaivotas que a voar desfaleceram.

Pararam de remar! Emudeceram.
(Velhos ritmos que as ondas embalaram)
Que cilada que os ventos nos armaram!
A que foi que tão longe nos trouxeram?

São Gabriel, arcanjo tutelar,
Vem outra vez abençoar o mar,
Vem-nos guiar sobre a planície azul.

Vem-nos levar à conquista final
Da luz, do Bem, doce clarão irreal.
Olhai! Parece o Cruzeiro do Sul.

II

Vem conduzir as naus, as caravelas,
Outra vez, pela noite, ardentia,
Avivada das quilhas. Dir-se-ia
Irmos arando um montão de estrelas.

Outra vez vamos! Côncavas as velas.
Cuja brancura, rútila de dia,
O luar dulcifica. Feeria
Do luar não mais deixes de envolvê-las

Vem guiar-nos, Arcanjo, à nebulosa
Que do além vapora, luminosa,
E à noite lactescendo, onde, quietas,

Fulgem as velhas almas namoradas...
- Almas tristes, severas, resignadas,
De guerreiros, de santos, de poetas.

Tanto no primeiro soneto, como em "San Gabriel", Camilo Pessanha presta seu tributo àquela alma portuguesa, ressuscitando o passado heróico das caravelas. A disposição que escolhi para apresentá-los deve-se ao fato de que, segundo creio, estão os dois a dialogar. No primeiro soneto, percebe-se claramente a constatação do fracasso que foram os descobrimentos segundo uma perspectiva unicamente material. Em "San Gabriel" há a "solução" para esse fracasso, na medida em que resgata o lado espiritual, o destino mítico das navegações através do clamor para uma nova viagem, que não está na ordem do terreno, mas sim numa esfera mítica de redenção.

As riquezas e a glória que permeiam os descobrimentos transformam-se em dor e desolação, revelando a inutilidade da crença nas conquistas e nas batalhas. A aparência faustosa daquela aventura - "Longas teias de luar de lhama de oiro,/ Legenda a diamantes das estrelas!" - revela-se unicamente em trágico engano, e ao poeta, desesperado, só resta indagar às caravelas e ao objeto de suas fantasias o destino misterioso de suas traíçoeiras ilusões: "Porque vos fostes, minhas caravelas/ Carregadas de todo o meu tesoiro? (...) Quem vos desfez, formas inconsistentes/ Por cujo amor, escalei muralhas, / - Leão armado, uma espada nos dentes?".

Por fim, o poeta chega à triste conclusão de que os únicos que ganharam alguma coisa com aquilo foram os mortos, de quem não se pode tirar as ilusões, pois que já não têm nenhuma que possa ser tirada - a não ser aquela outra, esperança espiritual. Essa, eles a têm, e podem se manter sonhando por toda a eternidade: "Felizes vós, ó mortos da batalha! / Sonhais, de costas, nos olhos abertos".

O primeiro soneto é, portanto, uma apologia dos fracassos e da inutilidade do lado material dos descobrimentos. Em "San Gabriel", constatada que foi essa situação, o poeta vai buscar alívio para tantas desventuras. E o encontra.

Em "San Gabriel", o "eu poético" do primeiro soneto fala como alguém que habita o mar e eleva sua prece no momento da calmaria, quando as velas são inúteis e de nada adianta o remar - "Inútil! Calmaria. Já colheram/ As velas. As bandeiras sossegaram". Nesse mar, espaço **sagrado** português, o tema da calmaria bem pode remeter ao primeiro soneto "Depois da luta e depois da conquista" - refletindo o abandono que se segue às tempestades violentas, espelho onde se reflete a imagem estagnada da nação portuguesa após a queda do Império, quando até as gloriosas bandeiras deixaram de tremular.

A segunda estrofe confirma o tempo de glória de Portugal, mas um tempo antigo, velho, que traz consigo um sabor de nostalgia, na doçura envolvente dos "Velhos ritmos que as ondas embalaram". E ao poeta, depois dessa recordação agridoce, só resta, novamente, a indagação ao destino - "Que cilada que os ventos nos armaram! / A que foi que tão longe nos trouxeram?".

Diante deste questionamento, temos a invocação ao santo, pedindo que abençoe o mar, e guie o povo português sobre a planície azul, conduzindo-o à conquista final. É interessante notar, aqui, que esse "Vem nos guiar sobre a planície azul" parece ser a resposta àquele "A que foi que tão longe nos trouxeram?", mas essa só é obtida depois que a intervenção divina é reclamada, mostrando que aquela estagnação e ignorância só podem ser sanadas através de um mediador externo e da ordem do espiritual.

É essa força divina que levará os portugueses ao encontro de seu verdadeiro destino, antes encoberto (na segunda estrofe) e agora explicitado. É o destino imaterial, mítico, "Da luz, do Bem, do irreal", que resgatará a nação daquela 'cilada armada pelos ventos'. É o momento em que se está no desconhecimento e se busca o mais desconhecido, constituindo a feitura do discurso.

No segundo soneto de "San Gabriel", há uma reafirmação do apelo para que as naus voltem a navegar e, portanto, atinjam a glória - "Vem conduzir as naus, as caravelas, / Outra vez, pela noite, ardentia". A reafirmação se dá pelo duplo uso da expressão "Outra vez" que, na estro-

fe seguinte clama: "Outra vez vamos!". Parece-me, aqui, a utilização de um tempo hipotético em que as naus já estariam a caminho da luz, do Bem e do infinito. Está aí o encontro do passado com o futuro, formando um outro tempo, que pertence a uma outra esfera, do intangível, do espiritual.

Nos dois últimos tercetos pode-se perceber uma maior especificação do destino (primeiramente tivemos Bem, luz, clarão irreal) como sendo uma nebulosa. "Vem guiar-nos, Arcanjo, à nebulosa". O "eu poético" pede, então, que as naus sejam transportadas para o terreno nebuloso, irreal e ideal, habitado pelos eleitos - "guerreiros, santos e poetas". Estes são aqueles que se constroem à margem da sociedade pré-estabelecida (definida pela materialidade). Nesse sentido, temos o sonho de uma Nova Pátria montada sobre os valores de abdicção da vida material e, portanto, da própria vida individual em favor da glória mítica coletiva.

É justamente nessa busca do destino mítico para Portugal que o poeta de CLEPSIDRA comunga com o poeta de MENSAGEM. Vamos, pois, ao "Mar Português".

Como sabemos, é grande a tradição da temática marítima na literatura portuguesa e, tirando as implicações históricas, o mar funciona como uma extensão da terra e vice-versa. Dentro da identidade portuguesa não podemos nos livrar da presença marítima, cujo fulcro histórico não seria justificativa para a importância do mar. Assim, temos que aliar a face histórica ao dado geográfico e chegaremos, então, a um Portugal que se estabelece como ponto máximo onde a terra tangencia o mar. O extremo. Daí temos que a identidade portuguesa é o limite entre a terra e o mar, e as descobertas só fizeram por concretizar esse limite. Como última instância desse raciocínio chegamos ao significado dos **sem limites** - o mar, que, para Fernando Pessoa será o mistério, a identidade mítica de Portugal.

Nesse sentido, Pessoa vai abordar o mar na sua dimensão trágica - o lugar das grandezas e das desgraças. Assim, o "Mar Português" vai funcionar como depósito de glória e de dor, mas também vai simbolizar **aquilo que ele não é** (aquilo que Portugal não possui, uma grandeza outra com a qual a nação não foi contemplada).

Para refletir sobre "Mar Português" decidi-me não por uma interpretação verso a verso, e sim, por uma "leitura em prosa" de alguns poemas que, a meu ver, torna-se menos cansativa e possibilita uma visão maior do conjunto dessa segunda parte de MENSAGEM.

Em "O Infante", temos o mar e o império naquilo que foram: glória e desgraça. No entanto, aquilo que **é**, referente a Portugal, ainda não se cumpriu, e pertence a uma outra dimensão. É essa fatalidade, da glória e da desgraça, que constitui a condição iniciática portuguesa em direção ao seu destino mítico.

Em "Horizonte", o movimento iniciático de aperfeiçoamento de Portugal já está em andamento. As descobertas seriam a passagem para

esse aperfeiçoamento, o grande momento, e a História é, então, vista como uma iniciação. No entanto, não são as descobertas terrenas (o material) que têm algum valor; elas apenas significam na medida em que se direcionam para outra dimensão (espiritual), pois o que se busca está além da própria conquista.

No terceiro momento, "Padrão", temos a imagem de um monumento de pedra, em forma de cruz, onde estão desenhadas as quinas, como a mostrar, ao divino, o esforço do humano português. A caracterização do "mar sem fim" é outra afirmação do destino português - "Senhor, falta cumprir-se Portugal" - explicitado n' "O Infante".

"O Monstrengo" é a alusão direta ao gigante Adamastor de Camões. Esse monstro legendário é o estágio limite da ascensão para um outro plano, pois é ele o guardião do mistério e é contra ele que a vontade portuguesa se coloca, no movimento contínuo da busca do desconhecido. E é Bartolomeu Dias quem representa a figura do indivíduo que se atreveu à iniciação, tangenciando o mistério. Mas é em "Mar Português" que está a grande indagação: a glória vem, porém, seu preço é a dor. Assumir a desgraça é assumir o destino - a verdade e o perigo.

O ciclo das descobertas termina com a grande fatalidade: D. Sebastião. O retorno desse rei é, então, interiorizado na navegação. O movimento iniciático faz o último gesto, e leva embora a esperança. A partir daí Portugal fica em **suspense**. A missão do poeta é justamente essa: resgatar a esperança de um povo que perdeu a própria alma. E Portugal (pendão do Império) viria como sinal de outra era.

CONCLUSÃO

Finalizo aqui as minhas considerações. Resta ainda aquele sentimento de que nem tudo foi preenchido e de que muito falta ainda para que a intenção primeira fosse realizada. No entanto, espero ter conseguido estabelecer, aqui, a proximidade que há entre Pessanha e Pessoa, tendo em vista aquele mesmo contexto histórico (bem abrangente) a que ambos pertenciam e o traço comum àqueles que, feliz ou infelizmente, nasceram portugueses e portugueses se reconheceram.

BIBLIOGRAFIA

FRANCHETTI, Paulo (mimeo). PESSANHA E A CHINA.

LEMOS, Esther de (1981). A "CLEPSIDRA" DE CAMILO PESSANHA. Lisboa, Editorial Verbo.

LOPES COELHO, Teresa (1979). CLEPSIDRA DE CAMILO PESSANHA (Textos Escolhidos). Seara Nova, Editorial Comunicação.

LOURENÇO, Eduardo (1981). FERNANDO PESSOA REVISITADO. Lisboa, Moraes Editores.

——— (1982). O LABIRINTO DA SAUDADE. Lisboa, Publicações D. Quixote.

——— (1986). FERNANDO REI DA NOSSA BAVIERA. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda.

PASCOAES, Teixeira de (1920). A ARTE DE SER PORTUGUÊS. Porto, Renascença Portuguesa, Rio de Janeiro, Anuário do Brasil (1^a ed. 1915).

PERSONA 11/12 (dezembro, 1985). Porto, Centro de Estudos Pessoanos.

PESSANHA, Camilo (1966). CLEPSIDRA. Lisboa, Ática (organizado por João de Castro Osório).

——— (1984). CARTAS... Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda (organizado por Maria José de Lancastre).

PESSOA, Fernando (1979). SOBRE PORTUGAL - INTRODUÇÃO AO PROBLEMA NACIONAL. Lisboa, Ática (organizado por Joel Serrão).

——— (1983). OBRA POÉTICA. Rio de Janeiro, Nova Aguilar (organizada por Cleonice Berardinelli).

——— (1986). ESCRITOS ÍNTIMOS - CARTAS. Sintra, Europa América (organizado por António Quadros).

SÁ-CARNEIRO, Mário de (1973). CARTAS A FERNANDO PESSOA. Lisboa, Ática.